

A estimulação da leitura em alunos com diversidade funcional no contexto da Biblioteca Escolar: Um Estudo de Caso

ANTÓNIO JOSÉ ALVES OLIVEIRA

aoliveira588@gmail.com

Agrupamento de Escolas José Sanches e São Vicente da Beira

Resumo

A leitura é um dos requisitos fundamentais para o sucesso educativo e a inclusão de qualquer indivíduo na sua sociedade de referência. O conceito de biblioteca escolar inclusiva veio reforçar a necessidade de estabelecer as condições de acesso à informação de alunos com diversidade funcional.

Esta investigação tem como objetivo principal compreender a forma como a biblioteca de uma escola do concelho do Fundão, objeto do nosso estudo, desenvolve atividades que contribuem para a estimulação de competências de leitura em alunos com diversidade funcional. No estudo empírico, adotamos uma metodologia qualitativa, com características de estudo de caso, do tipo exploratório, no qual utilizamos como métodos de recolha de dados: a entrevista semiestruturada, a observação direta e a análise documental.

Os resultados obtidos na investigação empírica permitem-nos concluir que a biblioteca escolar analisada, não desenvolve especificamente a estimulação de competências de leitura em alunos com diversidade funcional, no contexto da frequência deste espaço educativo, apesar dos bons recursos humanos e materiais de que dispõe. Por outro lado, não existem níveis formais de colaboração entre o coordenador da biblioteca escolar e os professores de Educação Especial, no sentido de serem desenvolvidas atividades de leitura para este público específico.

Palavras-chave:

Leitura, alunos com diversidade funcional, biblioteca escolar.

Abstract

Reading is one of the fundamental requirements for educational success and the inclusion of any individual in their reference society. The concept of an inclusive school library has reinforced the need to establish the conditions of access to information for students with functional diversity.

The main objective of this research is to understand how the library of a school in the city of Fundão, the object of our study, develops activities that contribute to the stimulation of reading skills in students with functional diversity. In the empirical study we adopted a qualitative methodology, with exploratory type case study characteristics, in which we used as data collection methods: semi-structured interview, direct observation and documental analysis.

The results obtained in the empirical research allowed us to conclude that the school library analyzed, does not specifically develop the stimulation of reading skills in students with functional diversity, in the context of the frequency of this educational place, despite the good human and material resources available to it.

On the other hand, there are no formal levels of collaboration between the school library coordinator and Special Education teachers in order to develop reading activities for this specific public.

Key concepts:

Reading, students with functional diversity, school library.

Introdução

A sociedade exige cada vez mais que a escola desenvolva competências nos alunos, no sentido de estes mesmos serem agentes transformadores da realidade envolvente. A prestação de um ensino de qualidade tem sido uma preocupação de todos os intervenientes no processo educativo, que não pode, nem deve, ser separada de um princípio assente na igualdade de oportunidades para todos.

A educação de crianças com diversidade funcional (Necessidades de Saúde Especiais, segundo a atual legislação) nas turmas regulares veio provocar mudanças profundas no sistema educativo, partindo de alterações legislativas, organizativas e em mudanças das práticas educativas. O conceito de escola inclusiva baseia-se numa premissa: a de uma educação para todos, promovendo o respeito pelas diferenças e percursos individuais, devendo toda a comunidade escolar estar empenhada no processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos.

Uma abordagem inclusiva requer uma filosofia organizacional que vise o desenvolvimento de metodologias/estratégias diferenciadas, trabalho cooperativo/colaborativo entre professores, técnicos e famílias, medidas educativas adequadas e ajustadas aos alunos, recursos humanos e tecnológicos que lhes permitam melhorar o seu potencial humano. A questão da diversidade funcional e da Educação Especial é uma questão crucial do ponto de vista da equidade educativa e da coesão social. A elaboração de uma resposta coerente, integrada e sistemática a esta problemática, exige que se conheça as diferentes problemáticas educacionais.

Sendo hoje o Mundo uma aldeia global, onde a informação percorre os mais recônditos cantos do planeta a uma velocidade outrora impensável, os meios tecnológicos de divulgação são progressivamente mais diversificados e eficazes para os seus utilizadores. Perante este facto, a escola, sendo a instituição mais bem capacitada para o papel de educar/formar os indivíduos que compõem a sociedade em que vivemos, deve estar preparada para conseguir acompanhar esse desenvolvimento acelerado do conhecimento e ser capaz de motivar todos os alunos, com ou sem necessidades educativas especiais, durante toda a sua escolarização.

1. Leitura, professores-bibliotecários e bibliotecas escolares

O aluno quando comunica através da linguagem verbal, desenvolve situações de diálogo, revela as suas vivências, confronta as suas opiniões, aperfeiçoa o ato de falar, ler e escrever.

Como salienta Sequeira (2000), a importância do contacto com o livro torna-se fundamental para a criança, já que através da leitura apreende um novo sentido do mundo e do valor da comunicação. Para além do aspeto formativo, a leitura permite ao aluno descobrir-se a si próprio, aos outros e às coisas que o rodeiam. A transmissão de valores e normas sociais é também fortemente valorizada pela leitura, numa perspetiva que pretende ser de apelo aos princípios da tolerância, do respeito pela diferença e da participação construtiva e responsável na sociedade.

Por outro lado, segundo Amor (1993), a componente do imaginário na leitura contribui para a resolução de inquietações de cariz psicológico e social no indivíduo, bem como para o seu crescimento e maturidade afetiva, de modo a possibilitar uma integração equilibrada na sua comunidade.

Neste contexto, as bibliotecas escolares são um dos recursos educativos, onde professores, alunos e outros técnicos de educação, po-

derão obter informações com o propósito de desenvolver competências cognitivas ou de simples lazer nos alunos. A importância que a leitura assume no desenvolvimento global dos alunos, enquanto membros ativos e participantes na construção do currículo escolar, levou o Ministério da Educação a implementar políticas educativas que vão ao encontro da necessidade em melhorar os níveis de literacia da população escolar, quer através do Plano Nacional de Leitura, quer na formação dos professores com o Plano Nacional do Ensino do Português.

No que diz respeito ao papel da biblioteca escolar na estimulação da leitura nas crianças e jovens em geral, e não apenas com necessidades educativas especiais, Patte (2001) apresenta alguns dos problemas que esta terá de ultrapassar no futuro, se quiser contribuir para uma verdadeira inclusão de todos os alunos, concretamente:

- a) Paralisia- A biblioteca não consegue “movimentar-se” de modo a comunicar com os seus utilizadores;
- b) Crescimento bloqueado- A biblioteca não evolui no sentido da mudança conceptual e social, agindo segundo rotinas instaladas;

c) Debilidade de espírito- Ignora o fundamento pelo qual existe, limitando-se a seguir regras rígidas, técnicas de arquivo e “receitas” preconcebidas. Não possui fantasia ou criatividade para inovar;

d) Cegueira- Revela falta de visão e projeto de desenvolvimento a longo prazo, quer no tempo, quer no espaço no qual atua;

e) Identidade frágil- Desconhece a sua função em relação à escola ou às instituições direcionadas para o lazer. O seu funcionamento continua a pautar-se pela imitação e não pela sua própria diferenciação;

f) Organização burocrática e materialista- Contenta-se apenas com a dotação de instalações funcionais e recursos bibliográficos bem arrumados;

g) Ativismo descontrolado- Preocupa-se em realizar atividades permanentemente, mais em quantidade, do que em qualidade, pois não se preocupa com a relevância cultural das suas iniciativas para a comunidade escolar e social;

h) Obsessão- Parece viver para as estatísticas de frequência e empréstimo de livros, ignorando as leituras ou as tarefas de pesquisa realizadas pelos seus utilizadores;

i) Próteses- Parece necessitar de meios tecnológicos sofisticados e em grande quantidade, ou seja, a comunicação com os leitores deixou de ser humanizada, relegando essa função para a tecnologia.

Perante este cenário, o professor-bibliotecário é o eixo central na transformação da biblioteca escolar, já que pode ser o orientador por excelência no processo de formação pessoal e social do aluno com diversidade funcional, na promoção do prazer de ler, mas também de escrever; e é aí que as bibliotecas escolares podem ser contextos de importância vital para que se consiga atingir o objetivo da inclusão educacional. As bibliotecas escolares, considerando o contributo dos seus fundos documentais, do equipamento audiovisual e informático ao dispor do professor no espaço escolar, podem servir de elemento de ligação entre os alunos e a aprendizagem.

Partindo dessa premissa, César (2003) considera que numa escola de todos e para todos, as ações de cada um dos seus elementos influenciam os desempenhos dos restantes membros da comunidade educativa (alunos, professores, pais, funcionários), já que estes não devem atuar de forma isolada. Os participantes no processo da educação inclusiva devem atender à coerência pedagógica da atividade didática.

ca, manifestada no significado intersubjetivo atribuído aos discursos, às expectativas dos atores educativos e às dinâmicas que se desenvolvem num ambiente de verdadeira partilha.

Pires (2017) afirma que a criação de bibliotecas escolares inclusivas implica uma relação de cooperação contínua entre todos os elementos da comunidade educativa, no sentido de os recursos disponíveis serem colocados ao serviço da aprendizagem de todos, promovendo, através de políticas internas e de estratégias flexíveis e inclusivas, a participação e o sucesso educativo, assente na equidade de oportunidades.

2. Metodologia de Investigação

Em nosso entender, o estudo que realizamos justifica-se pelas seguintes razões: a atualidade da temática; a pertinência da investigação face aos estudos existentes no domínio da Educação Especial em Portugal e pelo facto da investigação se relacionar com a prática profissional, conectando os seus resultados com recomendações para a ação no terreno educativo.

Partindo da observação da biblioteca da escola-sede de um agrupamento escolar localizado na cidade do Fundão, propusemo-nos

refletir sobre o que consideramos ser uma das vertentes primordiais da biblioteca escolar, ou seja, a promoção da leitura nos alunos em geral e, mais concretamente, no âmbito específico deste estudo, nos alunos que beneficiam de medidas e apoios no âmbito da Educação Inclusiva.

A metodologia escolhida teve em conta a natureza da problemática estudada e os objetivos do estudo. O método qualitativo tem por objetivos a descrição aprofundada e a compreensão da forma como os sujeitos desenvolvem ações e experiências, comunicam com o mundo que os rodeia, dando ao investigador a possibilidade de emergir nos cenários onde os fenómenos ocorrem, delimitando, deste modo, vinculando as categorias de análise às construções simbólicas que identifica e aos respetivos significados (Moreira, 2008).

Segundo a classificação das modalidades de investigação propostas por MacMillan e Shumacher (2005), referidas por Almeida (2008) e considerando os aspetos enunciados, é da nossa opinião que esta investigação educativa se insere no âmbito dos métodos qualitativos interativos, e concretamente, no estudo de caso. Concordamos com Sousa (2009), quando define o estudo de caso como um pro-

cesso compreensivo singular, real, específico e contextualizado, de um comportamento, de uma instituição, de um acontecimento social ou de grupo de indivíduos no seu meio natural. Em relação ao estudo de caso como metodologia de investigação, Freixo (2009) refere que este procedimento tem uma natureza empírica, com características fortemente descritivas e tem por base a atividade do investigador na realidade que pretende estudar, recorrendo a múltiplas fontes de informação, tais como: a entrevista, a análise de documentos e a observação.

2.1. Instrumentos de recolha de dados

A credibilidade do estudo exige que o investigador determine e justifique as origens dos dados de investigação, de modo que sejam evidentes quais foram as interferências, as previsões e os resultados inscritos na conclusão.

Segundo De Ketele e Roegiers (1999), a escolha e utilização dos instrumentos de recolha de dados permitem ao investigador compreender, descrever, explorar e avaliar a qualidade da informação obtida através das mais variadas fontes ou contextos.

Os instrumentos de pesquisa utilizados no estudo que desenvolve-

mos tiveram como objetivo obter um conhecimento aprofundado a respeito das atividades realizadas pela biblioteca escolar objeto do nosso estudo de caso, de forma a descrever, interpretar e compreender a contribuição desta na estimulação de competências de leitura em alunos com diversidade funcional.

Optamos por utilizar os instrumentos que nos parecem ser os mais adequados às características do estudo e passamos a destacar os conceitos teóricos que lhes são inerentes.

Para Denzin (1970), enunciado por Almeida (2008), a entrevista semiestruturada tem por referência um conjunto de questões ordenadas e iguais, quando se trata de entrevistar um conjunto de sujeitos sobre uma temática comum, mas que possibilita respostas livres ou abertas e comparáveis entre si. As diferenças verificadas entre as respostas fornecidas devem ser o resultado real da opinião formulada pelos participantes e não uma consequência do instrumento de investigação utilizado. Na entrevista semiestruturada, tal como referem Ribeiro e Leite (2003, p.263), “o entrevistador intervém sobretudo para recentrar ou estimular o discurso do entrevistado ou para introduzir novas temáticas, previamente definidas”. Segundo Selltiz (1965), referido por Sousa (2009), a escolha deste instru-

mento de investigação tem por objetivo geral obter do sujeito entrevistado informações relacionadas com o esclarecimento sobre determinados dados e a opinião que possui sobre o assunto em estudo. Deste modo, procedemos à aplicação de entrevistas semiestruturadas ao coordenador da biblioteca escolar, ao coordenador do Sub-Departamento de Educação Especial e aos alunos com diversidade funcional, que desenvolvem currículos de cariz funcional na escola.

Por outro lado, recorreremos à observação direta, não participante, incluída nos instrumentos de recolha de dados. Recorreremos a uma observação estruturada, com base em instrumentos de registo previamente elaborados (grelhas de observação da interação dos utilizadores com a leitura no espaço da biblioteca e o registo fotográfico do seu interior, incluindo as estruturas físicas que permitem a sua acessibilidade).

Para De Ketele e Rogiers (1999), a observação em termos metodológicos é definida como um processo pelo qual o observador recolhe informação previamente selecionada, com o intuito de a transmitir a si mesmo ou a outros, através de um sistema de codificação pré-estabelecido. Freixo (2008, p.194) define a observação como a

“constatação de um facto, quer se trate de uma verificação espontânea ou ocasional, quer se trate de uma verificação metódica planeada”. Sobre o aspeto da observação, enquanto atividade executada pelo investigador, Hegenberg (1976) afirma que quem observa utiliza uma forma orientada de comportamento, que frequentemente, vai além dos objetivos que pretende alcançar. Laperrière (2003) considera que a observação permite descrever de forma exaustiva e objetiva uma determinada situação, lugar ou indivíduos. O investigador familiariza-se com o contexto em estudo, apenas para não tornar a sua presença num fator perturbador ou influenciador das ações desenroladas, utilizando a distanciação como forma de apreensão do real. É neste sentido que a técnica de observação deve ser utilizada em conjunto com outros instrumentos de recolha de informação, favorecendo o processo de triangulação dos dados, a fiabilidade e validade da investigação. Sousa (2009) entende a observação como uma tentativa do investigador em fazer parte da vida quotidiana do grupo educacional que investiga. Por outro lado, a observação pode assumir um carácter natural quando o investigador pertence ao grupo que investiga, como é o caso dos docentes que realizam projetos de investigação nas escolas onde trabalham.

Considera-se artificial nas situações em que o observador se integra no grupo observado com o simples intuito de recolher dados pertinentes para o seu estudo.

Como refere o autor citado, esta técnica permite:

- compreender as motivações dos sujeitos observados;
- aceder rapidamente a dados sobre as vivências dos informantes e a situações observadas em contexto real;
- observar situações que normalmente não são verificáveis perante elementos estranhos ao grupo objeto do estudo.

Por fim, procedemos à recolha de dados pré-existentes através da pesquisa e análise documental, de forma a obter informação complementar, que consideramos importante para a compreensão da problemática estudada, incluindo: o Projeto Educativo da Escola, o Plano Anual de Atividades da Biblioteca Escolar, o Catálogo do Fundo Documental e Plano de Ação da Biblioteca Escolar. Como refere Bell (2008), referindo-se a Johnson (1984), a análise de dados documentais em investigações no quadro das Ciências da Educação é uma forma de complementar os dados recolhidos através de outros instrumentos, podendo, em alguns casos, ser o método principal de investigação. Contudo, no caso do estudo dos fenómenos

educativos, a análise de documentos em diferentes suportes pode ser considerada uma estratégia investigativa muito valiosa. Para Goetz e Lecompte (1988), a análise dos documentos, posterior ao trabalho de campo, pressupõe que o investigador saiba compará-los, estabelecer semelhanças e construir hierarquias entre estes, para poder classificar e ordenar as categorias referentes aos dados recolhidos. A análise dos dados é um aspeto interativo e interdependente dos restantes instrumentos de investigação utilizados e não se devem considerar ou interpretar de forma separada. Quivy e Campenhoudt (2008) referem que a análise da informação tem uma dupla função, ou seja, por um lado, fazer a verificação empírica do estudo; por outro, proporcionar condições ao investigador para que este possa, nas conclusões, identificar aspetos a aperfeiçoar no modelo de análise que seguiu, colocar questões de reflexão sobre os resultados encontrados ou sugerir novas linhas de investigação sobre a problemática em estudo.

2.2. Participantes

Para a realização deste estudo de caso, consideramos, como referência metodológica, a escolha de uma amostra por seleção

racional, do tipo não probabilístico, atendendo aos critérios subjacentes às características dos participantes e a sua adequação aos objetivos do estudo (Freixo, 2009).

Em relação aos alunos entrevistados, tivemos por referência na sua escolha os seguintes critérios:

-frequência de Currículos Específicos Individuais e dificuldades persistentes na leitura expressiva/compreensiva e por conseguinte, na escrita;

-limitações de funcionalidade, atividade e participação escolar, mas que evidenciam algum domínio de competências elementares ao nível da expressão verbal, essenciais para a realização das entrevistas sobre a utilização da biblioteca escolar do agrupamento;

- as suas famílias apresentam como características comuns: fraco rendimento económico; baixa escolarização parental; precariedade laboral; estruturação familiar desajustada e problemas de integração social.

Procedemos, ainda, à realização de duas entrevistas semiestruturadas, nomeadamente, ao coordenador da biblioteca escolar e ao representante dos professores de Educação Especial do agrupamento.

A transcrição e validação de todas as entrevistas foi feita posteriormente e obedecendo a critérios de manutenção da fidelidade e confidencialidade da informação fornecida pelos participantes no estudo.

3. Análise das respostas dos participantes

A utilização da técnica de análise de conteúdo no âmbito da pesquisa qualitativa, aplicada ao estudo de caso, permitiu-nos descrever o que nos foi dito pelos entrevistados, descobrir variações/associações nas suas declarações e interpretar o sentido das mesmas. Segundo Bardin (1994), a análise de conteúdo nas pesquisas orientadas por pressupostos metodológicos qualitativos, apresentam procedimentos mais intuitivos, maleáveis e adaptáveis.

Todos os entrevistados, tanto os alunos, como os dois professores, manifestaram interesse em participar nas entrevistas e responder às questões colocadas, o que constituiu um aspeto facilitador para a investigação no trabalho de campo.

Durante as entrevistas aos alunos apercebemo-nos de que a maioria dos entrevistados revelava algumas dificuldades de compreensão oral das questões, provavelmente associadas às limitações intelec-

tuais e ao fraco nível da comunicação verbal que justificam a implementação de medidas educativas e a intervenção especializada no âmbito da Educação Especial. Deste modo, procedemos a reforços pontuais nas questões colocadas, em termos orais, sem alterar o seu conteúdo ou intencionalidade, para que os informantes fornecessem os dados pretendidos com maior objetividade.

Os dados recolhidos nas entrevistas realizadas aos alunos indicaram-nos o seguinte:

- Os alunos frequentavam regularmente a biblioteca durante o ano letivo, por iniciativa própria ou acompanhados por professores de Educação Especial;

- Os alunos utilizavam o espaço da biblioteca escolar onde se encontravam os livros, mas preferiam o espaço onde podiam aceder aos computadores e aos filmes;

- A pesquisa da informação era feita através dos computadores disponibilizados e os alunos solicitavam, sempre que necessário, o apoio de funcionários (não docentes), na utilização dos equipamentos informáticos;

- Raramente utilizavam o livro em suporte papel, como primeira referência no acesso à informação para fins escolares;

- Quando não estavam a ler livros de banda desenhada, a maioria dos alunos respondeu que preferia ver filmes na biblioteca escolar;

- Os alunos enunciaram os professores como as suas referências primordiais na estimulação da leitura;

- Os alunos realizavam trabalhos de grupo na biblioteca, prática que não nos pareceu ser regular, pelo tipo e frequência das suas respostas;

- Os alunos consideraram que a leitura era importante para o seu futuro, fosse para tirar a carta de condução ou para arranjar um emprego.

A referência recorrente à utilização dos equipamentos informáticos existentes na biblioteca escolar deveu-se ao facto dos professores de Educação Especial utilizarem computadores na estimulação da leitura nas salas de aula ou ser o resultado de os alunos estarem familiarizados com estes recursos educativos, através da frequência de um ateliê de informática no espaço da biblioteca. Os alunos consideraram este meio de pesquisa, em termos académicos ou de lazer, mais motivador e sobre o qual sentiam alguma capacidade de utilização.

Em geral, os alunos tinham uma opinião positiva sobre a importância da biblioteca, maioritariamente, associada aos recursos que lhes oferecia (livros, computadores, filmes).

Não encontramos diferenças significativas nos hábitos de leitura entre os alunos institucionalizados e os que se encontram junto das suas famílias, quer no tempo disponibilizado para a leitura, quer nos suportes, quer através dos meios de acesso à leitura mencionados.

“Vou para o espaço onde há jogos de computador.” (Participante A)

“Vou para o computador ver filmes e jogar com os puzzles.” (Participante B)

“Tem muitos livros, mas não leio nenhum.” (Participante C)

“Se não sabemos ler, não sabemos o que está escrito.” (Participante D)

“Aprender a ler ajuda a tirar a carta de condução e a ter um emprego.” (Participante E)

“Fico lá sentado à espera do meu irmão David.” (Participante F)

Em relação à entrevista com o professor-bibliotecário este conside-

rou que uma formação profissional adequada às exigências da inclusão passava pela gestão e ética da informação, como garante da defesa das necessidades e interesses dos utilizadores, incluindo os grupos minoritários. A biblioteca escolar constituía um espaço de partilha, de estimulação da leitura e de trabalho colaborativo entre os alunos, na procura autónoma da informação. As atividades culturais ou educativas realizadas na biblioteca escolar eram dirigidas a todos os alunos do agrupamento, não sendo feita distinção relativamente aos alunos com diversidade funcional. A colaboração entre os docentes de Educação Especial e o professor-bibliotecário pareceu ser a forma mais adequada para promover a diferenciação pedagógica e responder adequadamente às necessidades destes alunos. No entanto, o entrevistado considerou que os docentes de Educação Especial deviam solicitar à coordenação da biblioteca escolar a realização de atividades específicas de leitura para os alunos com diversidade funcional e participar na sua planificação e dinamização.

“Pessoalmente, não sei se estou de acordo que se façam atividades específicas para os meninos com necessidades educativas. A biblioteca deve fazer atividades que envolvam todos

os alunos. A biblioteca deve possuir recursos documentais e serviços assim como contar com o apoio dos docentes do Ensino Especial para o desenvolvimento e integração destes alunos nas atividades devidamente planeadas. Penso que não devemos fazer nada de diferente, senão estamos a criar uma exclusão e não inclusão. Também não tem havido solicitação da parte dos docentes (Educação Especial), para que se faça algo de diferente para estes alunos.” (Professor-bibliotecário)

Em relação aos dados recolhidos por entrevista ao coordenador da Educação Especial, estes docentes tinham conhecimento das atividades realizadas na biblioteca escolar através do seu coordenador ou diretamente, em resultado da sua frequência e utilização.

As Unidades de Ensino Estruturado a Autistas e de Apoio à Multi-deficiência e Surdocegueira possuíam verbas e recursos materiais adequados para o ensino da leitura e a escrita.

A razão apontada para justificar a ausência de atividades específicas de leitura para estes alunos na biblioteca escolar, prendia-se, na opinião do coordenador, com a falta de materiais adequados para o desenvolvimento desse objetivo. Na posição tomada pelo entrevistado, os professores de Educação Especial não utilizavam a biblio-

teca escolar com o intuito de desenvolver materiais didáticos, instrumentos de registo e atividades específicas vocacionadas para o ensino e avaliação da leitura, pois estas ocorriam normalmente noutros espaços da escola. Apesar de existir um bom relacionamento entre o coordenador da Educação Especial e o coordenador da biblioteca escolar, não havia um sentido de colaboração no estabelecimento de formas de estimulação conjunta da leitura nestes alunos. As razões invocadas pelo coordenador da Educação Especial resultavam da falta de uma cultura de colaboração entre os professores dos diversos níveis de ensino da escola objeto do nosso estudo.

Por fim, o coordenador da Educação Especial concentrou o seu discurso nas dificuldades de acompanhamento dos alunos com diversidade funcional e nas políticas de organização da Educação Especial definidas pelo Ministério da Educação.

“A biblioteca tem catálogos e por vezes dou informações, panfletos e livros aos alunos. A biblioteca é utilizada essencialmente na utilização dos computadores. Pessoalmente, trabalho muito com a biblioteca e com o coordenador da biblioteca. No ano passado organizámos algumas tertúlias. Tivemos a presença do realizador Lauro António, para falar sobre a

“Manhã Submersa” de Vergílio Ferreira. Especificamente para alunos com NEE, não.” (Coordenador da Educação Especial)

4. Discussão dos resultados

Partindo da premissa de que a leitura é uma atividade essencial para a construção de uma formação sólida nos alunos, capaz de responder aos desafios de uma sociedade cada vez mais complexa, a denominada sociedade da informação, torna-se premente a realização de estudos neste âmbito, na tentativa de elevar as competências de leitura das populações com e sem diversidade funcional e assim alcançar um desenvolvimento social, económico e cultural mais igualitário.

Esta investigação permitiu-nos estabelecer um paralelismo externo face a outros estudos no domínio da investigação em Educação Especial (Oliveira, 2010; Ribeiro, 2011; Pires, 2013; Carvalho, 2016), possibilitando a compreensão da importância das bibliotecas escolares e o seu impacto na estimulação da leitura e a apologia do livro em alunos com diversidade funcional.

A interpretação e análise dos dados leva-nos a salientar as seguin-

tes conclusões gerais, que consideramos mais eminentes, para dar resposta à problemática que serve de linha de orientação a este estudo de caso:

-Os alunos com diversidade funcional frequentam e utilizam a biblioteca escolar com o intuito de ocuparem, maioritariamente, o seu tempo livre, não havendo uma resposta conjunta e específica de estimulação da leitura, por parte do docente bibliotecário e dos docentes de Educação Especial junto destes alunos;

-A colaboração pedagógica entre estes profissionais de ensino assume um carácter informal e resume-se a um ateliê de informática dinamizado no espaço da biblioteca escolar, e entendido como parte do desenho curricular dos alunos com Necessidades Educativas Especiais com currículo funcional;

-As razões apontadas pelos diversos intervenientes educativos prendem-se com: a falta de cultura colaborativa entre docentes, a ausência de tecnologias e materiais adaptados para a dinamização da leitura (existentes apenas nas salas de aula) ou pelo entendimento de que as respostas educativas para alunos com diversidade funcional, no âmbito da estimulação da leitura, não devem ser diferenciadas no seio da biblioteca escolar. O professor-bibliotecário refere que uma

resposta diferenciada para estes alunos é promover a segregação dos mesmos.

5. Conclusões

Numa época em que o tema da literacia assume uma importância fulcral no desenvolvimento das sociedades contemporâneas, a experiência da leitura está interligada, não só no saber fazer implícito nas exigências profissionais a que os indivíduos estão sujeitos, mas na melhoria da sua qualidade de vida, quando pensamos que a leitura pode proporcionar-nos prazer, conforto e estimulação intelectual.

A biblioteca escolar é um elemento da organização do estabelecimento escolar. Portanto, pode constituir-se como um polo de renovação pedagógica, de comunicação, de animação cultural, de estimulação do conhecimento e de desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. A criação ou transformação das bibliotecas escolares em bibliotecas inclusivas será, inequivocamente, um modo de rentabilizar a documentação disponível em proveito da maximização das competências académicas dos alunos com diversidade funcional, com resultados que se tornarão evidentes no desenvolvi-

mento da inclusão laboral dos cidadãos com diferenças ao nível cognitivo, visual, auditivo ou motor.

É neste cenário que a diferenciação pedagógica surge como um elemento fundamental no trabalho da biblioteca escolar, no que respeita à promoção de competências de leitura em alunos com diversidade funcional.

Como destaca Morgado (2004) sobre a diferenciação pedagógica, este novo paradigma assume-se como um fator que condiciona a necessidade de alteração do modelo tradicional de escola, incluindo a biblioteca, capaz de dar uma educação diversificada e de qualidade aos alunos que a frequentam, respeitando as diferenças a que estão intrinsecamente ligados, tal como preconiza o Decreto-Lei nº54, publicado em 6 de julho de 2018.

Segundo a Portaria nº192-A/2015, de 29 de junho, uma das várias funções atribuídas ao professor-bibliotecário, é apoiar as atividades curriculares e promover o desenvolvimento dos hábitos e práticas de leitura e das literacias da informação e dos média, trabalhando de forma colaborativa com todas as estruturas do agrupamento em que exerce as suas funções profissionais. A problemática da colaboração continua a ser transversal a todo o sistema educativo por-

tuguês, com maior expressividade nas relações entre os docentes, a qual é salientada na legislação mencionada e identificada no âmbito dos procedimentos de análise de conteúdo dos dados recolhidos no cenário da nossa investigação educativa.

Na dinâmica da ação da biblioteca escolar estudada e do seu coordenador, a resposta para a questão essencial da promoção da leitura junto dos alunos com diversidade funcional que a frequentam, deverá incluir, numa primeira linha, uma parceria pedagógica com os elementos do Subdepartamento de Educação Especial, os diretores de turma, as famílias e os responsáveis da instituição de solidariedade social, na qual residem vários dos alunos entrevistados. A implementação de iniciativas com vista a tornar a biblioteca escolar mais motivadora para a leitura e não apenas como um espaço para passar tempo, deverá, do nosso ponto de vista, ser considerada no Projeto Educativo, na planificação dos Domínios de Articular Curricular definidos pelos Conselhos de Turma e num âmbito mais alargado, no Plano Anual de Atividades do agrupamento.

É possível estimular a leitura dos alunos com diversidade funcional através da biblioteca da escola ou de uma qualquer biblioteca pública, desde que se tenha em conta a forma como o seu utilizador

accede à mesma. As estratégias a seguir devem ter em consideração, não apenas os níveis de desempenho de leitura destes alunos, mas outros fatores, tais como: os seus centros de interesse, o *background* social, económico e cultural dos mesmos, o estilo, o ritmo de aquisição de conhecimentos, a dinamização de atividades que atendam aos princípios da normalização e da inclusão, bem como, o recurso às tecnologias de apoio disponíveis, que têm demonstrado serem atrativas e sobretudo, eficazes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com determinadas limitações de funcionalidade, atividade e participação escolar.

O professor-bibliotecário é aquele que pode abrir as portas da leitura a alunos com desvantagem intelectual e, frequentemente, social e económica. Mas dar o mesmo a todos no espaço da biblioteca da escola, não é respeitar a individualidade ou responder às necessidades educativas de cada aluno; é antes, promover a infoexclusão, algo que a escola inclusiva tem de erradicar, se quer ser verdadeiramente democrática.

Portanto, o professor-bibliotecário assume um papel vital, provavelmente ainda subvalorizado, na preparação e inclusão dos indivíduos no mundo que os rodeia. Mas a biblioteca não se resume ape-

nas às funções de pesquisa documental, empréstimo de livros, ocupação de tempos livres, animação ou difusão de trabalhos. Através de diferentes formas de dinamização e estimulação de hábitos de leitura, a biblioteca está a desempenhar uma função de promoção da cultura e a inclusão social das pessoas com limitações funcionais, de modo que estas possam aceder ao conhecimento em igualdade de oportunidades, mas melhorando as suas condições e, assim, alcançarem um verdadeiro gosto pela leitura. A valorização crescente das necessidades especiais dos utilizadores das bibliotecas, parece estar a contribuir progressivamente para mudanças legislativas e alterações no funcionamento das bibliotecas públicas, que esperamos terem vindo para ficar.

Chamamos à atenção que, dada a natureza do nosso estudo de caso, as conclusões apresentadas assumem, na nossa perspetiva, apenas um valor parcelar e provisório, considerando o número de participantes e as constantes mudanças no espaço e tempo das dinâmicas educativas, não podendo, desta forma, generalizá-las ao contexto das restantes bibliotecas escolares do sistema educativo português. Como tal, as interpretações atribuídas aos dados aqui expostos, decorrem do cenário restritivo e das condições empíricas em que se

desenvolveu a nossa investigação educativa.

A título de recomendação, consideramos que se mantém a pertinência da realização de estudos semelhantes no futuro. No entanto, a sua validade externa e a generalização dos seus resultados, dependeria, entre outros aspetos, da integração na planificação da investigação de um maior número de bibliotecas escolares e a amostra do estudo ser mais significativa, relativamente aos alunos com diversidade funcional. Esperamos que esta humilde contribuição para o estudo da relação entre as bibliotecas escolares e a estimulação da leitura em alunos com diversidade funcional possa vir a ser mais aprofundada, quer seja por docentes de Educação Especial ou por todos aqueles que se interessam em garantir os direitos humanos dos cidadãos com necessidades especiais.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. (2008). *Evolução do sistema de ensino superior após a revolução de Abril de 1974. Expansão e regulação. Reforma no quadro do espaço europeu de ensino superior*. Tese de doutoramento (não publicada). Badajoz: Facultad de Educación. Universidad de Extremadura.
- Amor, E. (1993). *Didáctica do Português - Fundamentos e Metodologias*.

- Lisboa: Texto Editora.
- Bardin, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- César, M. (2003). A Escola Inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos e para todos. In D. Rodrigues (Org.). *Perspectivas sobre a inclusão. Da Educação à Sociedade*. Porto: Porto Editora, 128-131
- De Ketele, J. M. & Rogiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ferreira, M. & Serra, F. (2009). *Casos de Estudo: Usar, Escrever e Estudar*. Lisboa: Lidel-Edições Técnicas, Lda.
- Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget
- Goetz, J.P e Lecompte, M. D.(1988). *Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa*. Madrid: Ed. Morata, S.A.
- Hegenberg, L. (1976). *Etapas da Investigação Científica (Observação, Medida, Indução)*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Laperrière, A. (2003). A observação directa. In B. Gauthier (Dir.). *Da problemática à colheita de dados*, 257-260. Loures: Lusociência-Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Moreira, C. (2008). *Teorias e práticas de investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação: Um desafio para os Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Oliveira, A. (2010). *O papel da biblioteca escolar na estimulação da leitura em alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial (não publicada). Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Patte, G. (2000). Niños discapacitados para la lectura o bibliotecas discapacitadas? In *VIII Jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares*, 83-109. Leer em plural. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Pires, H. (2017). *O contributo da biblioteca escolar para o reforço da escola inclusiva*. Lisboa: Rede Bibliotecas Escolares.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, A & Leite, J. (2002). *Contributos para um conceito de Biblioteca*

Inclusiva. Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e para a Integração das Pessoas com Deficiência. Integrar, 14, 50-76.

Sequeira, F. (2000). *Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Legislação portuguesa consultada

Decreto-Lei nº54/2018, de 6 de julho. Diário da República nº129.1ª Série. Presidência do Conselho de Ministros.

Portaria nº192-A/2015, de 29 de junho. Diário da República nº124.1ª Série. Ministério da Educação e Ciência.

Notas biográficas:

António José Alves Oliveira, Professor do Agrupamento de Escolas José Sanches e São Vicente da Beira, Bacharelato em Ensino Primário, Licenciatura em Ensino de Português e Inglês, Especialização, Pós-Graduação e Mestrado em Educação Especial, Doutorando em Inovação na Formação do Professorado, Assessoria, Análise da Prática Educativa e TIC em Educação- Faculdade de Educação-Universidade de Extremadura.